

# Ivan Junqueira – Prólogo

Eu sou apenas um poeta  
a quem Deus deu voz e verso.  
Na infância, quando fui relva,  
sentia os pés dos efebos  
a calcar-me as frágeis vértebras  
e colhia das donzelas  
o frêmito que, venéreo,  
era um augúrio da queda.

Depois, quando fui cipreste,  
vi como o vento, em seus dédalos,  
cingia-me a áspera testa  
e tangia-me as ideias  
que nos ramos, vãs quimeras,  
pousavam como uma névoa,  
úmidas ainda das trevas  
e do abismo de que vieram.

Quando fui córrego, as pedras  
me ensinaram que o critério  
do que em tudo permanece  
nunca está nelas, inertes,  
mas nas águas que se mexem  
com vários e distintos aspectos,  
de modo que não repetem  
o que antes foi (e era breve).

Quando enfim galguei o vértice  
de alguém que eu mesmo não era,  
compreendi que esse processo  
de sermos outros (e até  
termos em nós outro sexo)  
nada em si tinha de inédito:  
já se lia no evangelho  
de um deus ambíguo e pretérito.

E assim fui sendo esse leque  
de coisas fluidas e inquietas,  
jamais levianas, bem certo,  
mas antes, em seu trajeto,  
vertentes as mais diversas  
de uma só e única célula:  
a da matriz que não é  
senão seu próprio reverso.

Espelho de meus espectros,  
urna de engodo e miséria,  
alma sôfrega e sem tréguas,  
osso escasso no deserto  
onde jejua um profeta,  
solidão, infâmia e tédio  
– eu sou apenas um poeta  
a quem Deus deu voz e verso.

**Ivan Junqueira, O outro lado**